

Orientação Sexual: Representações Sociais de Docentes Sobre o Tema

*Climéria Lima dos Santos Sousa*¹
*Moacir Alves de Faria*²

RESUMO

Trata-se de um trabalho de pesquisa qualitativa com o objetivo de identificar as representações sociais dos professores à respeito da disposição em abordar os conteúdos relacionados a sexo (educação sexual) nas séries de 6º ao 9º do ensino fundamental na “Escola Cidade de São Roque”. O instrumento de coleta foi um questionário com questões abertas, respondidos por doze professores de 6º ao 9º anos do ensino fundamental. A análise das respostas a luz das representações sociais demonstram que na orientação sexual pretendida pela escola, fica claro que os professores ainda não se sentem confortáveis com o tema, indicando que sua própria formação interfere nas posturas sobre o assunto.

Palavras chave: Orientação Sexual – Preparo do Professor – Representações Sociais

INTRODUÇÃO

As noções de orientação sexual sempre foram marcantes no meu contexto educacional. Quando resolvi falar, há dezoito anos atrás sobre sexo, em sala de aula nos anos de 6º ao 9º nas minhas aulas, a resposta foi negativa por parte das escolas onde trabalhava, pois era um tema que não era para ser discutido em todos os anos, era apenas no 8º ano, na minha disciplina ciências e no conteúdo do aparelho reprodutor. Afastei-me da educação por 10 anos, então fiquei com esta angústia de trabalhar com os alunos em todas as séries, temas relacionados a sexo e sexualidade.

Quando iniciei o Curso de Especialização em Psicopedagogia na intenção de retornar a sala de aula, a primeira disciplina do curso foi introdução a Psicopedagogia e a professora durante a apresentação da turma, perguntou qual seria meu projeto para monografia e qual o meu interesse em estar ali no curso, então respondi que gostaria de trabalhar com orientação sexual para adolescentes. A partir daí passei a procurar escolas

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque, 2013.

² Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ouro Fino. Coordenador acadêmico de Pedagogia - FAC SÃO ROQUE, professor universitário - FAC SÃO ROQUE e professor da Universidade Nove de Julho. Professor orientador.

que aceitassem a proposta de um trabalho pedagógico com este tema. Encontrei esta na escola onde meus filhos estudam. Levei à direção e à coordenação o projeto, onde percebi interesse pela abordagem.

Iniciei o projeto fazendo palestras interativas, onde os alunos pudessem expor suas dúvidas e sentimentos. Os anos abordados foram os de 6º ao 9º, conversei sobre sexo e alguns temas relacionados a sexo como: relações de gênero, namoro, sentimentos e primeira vez. Fiz um levantamento das dúvidas e ansiedades por série. Iniciamos o trabalho com o projeto de orientação sexual com os educadores da escola após duas semanas do retorno das férias do meio do ano, de forma pedagógica, utilizando atividades com os professores, mas os professores sempre relatavam que não sabiam como abordar o tema em sala de aula, e que havia algumas perguntas que os alunos faziam e eles (professores) não sabiam como responder e mesmo não se sentiam a vontade em responder.

Na orientação sexual que é proposta pelo PCN e por outros grupos de estudo em educação sexual, a intenção é que o trabalho ocorra através de um processo formal e sistematizado e que as abordagens acerca da sexualidade visem preencher lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos, abrir a discussão sobre valores que impedem o uso dos conhecimentos. E a escola como espaço privilegiado pode proporcionar de forma pedagógica e sistemática a oportunidade para esta reflexão.

As vivências de cada indivíduo vão moldando uma visão muito particular sobre sexualidade que pode ser mais rígida ou liberal, severa ou lúdica, dependendo dessas experiências ou influências. Não se vive os mesmos valores nas diversas etapas da vida. O que se vivencia na fase infantil é sentido e avaliado de forma diferente na juventude, na idade adulta e na velhice.

O sexo e sexualidade estão relacionados e são inerentes a todo ser humano. A sexualidade de cada um envolve seus sentimentos, desejos, pensamentos e sensações que são muito preciosos na nossa vivência como ser humano, pois ela revela nosso jeito de ser, estar sentir e viver.

Defronto-me na orientação sexual pretendida pela escola, com perguntas clássicas que são abordadas no meio escolar como: Para que ensinar orientação sexual? O que ensinar em orientação sexual? Como ensinar orientação sexual? Quais recursos didáticos selecionar e como utilizá-los? Como relacionar as demais disciplinas no currículo considerando que todas elas têm papel significativo na formação do cidadão? Como fazer com que o trabalho pedagógico com o sexual contribua para a vida do adolescente em múltiplas dimensões? Essas questões nós professores nos fazemos, torna a orientação sexual ainda um tema difícil de ser direcionado. As respostas são desenvolvidas e encaradas pela escola de forma ainda paradigmática e envolta por

situações conflitantes, nas suas relações com pais e alunos diferentes culturas e categorias sociais.

As representações sociais se “situam na educação na área de psicologia social” (Madeira, 1991: 63) e neste sentido esta pesquisa irá contribuir no campo da psicologia social. Comecei a escrever depois de ler muito sobre as representações sociais e a partir daí pude perceber nos professores o conteúdo que eles trazem, a vivência e o seu sentir sobre a orientação sexual e sexualidade.

Moscovici (apud Madeira, 1976: 44) declara que as informações das representações sociais são como “uma instância intermediária entre a percepção e o conceito”. Sendo o primeiro a delinear formalmente o conceito das representações sociais, cita em vários momentos os conceitos e os problemas da psicologia social a partir dos fenômenos da criação e da consolidação de campos específicos a serem estudados.

A educação por ser uma área interativa, envolve o outro com toda sua complexidade, aí está um grande conflito de relação, que é o “eu comigo”, “eu com o outro”, “eu com o grupo”. E, segundo Almeida (1997 p.14) está inserido aí o “eu com o profissional que sou”. A orientação sexual como em qualquer outro tema ou abordagem que o profissional queira trabalhar, pressupõe que um sentimento importante que ele traz consigo, que é a ‘afetividade’, pois ela é um sentimento de mão dupla e está no contexto das relações humanas. Enxergar os seus caminhos, contextos e percepções sobre a orientação sexual com novos olhos, proporcionam ao professor um comprometimento com o seu discurso e uma compreensão mais ampla dos aspectos que a orientação sexual irá envolver, não só no âmbito escolar, mas no próprio professor no seu processo de vida, de busca e do seu convívio com o grupo.

1. RAZÕES TEÓRICAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

A utilização das representações sociais nesta pesquisa leva a considerar a teoria como um “saber prático” segundo Jodelet (1989:18). Nesta perspectiva a observação de fatos para serem analisados nas representações sociais se faz necessária a experimentação, a observação, tornar o conhecimento próximo e a partir daí descrever a realidade que era pouco conhecida no meio social onde o sujeito vive, e só através da observação, da interação, ouvindo, vendo, sentindo e lendo, é que podemos desvelar as suas representações. Esta é uma das razões para que um trabalho de pesquisa e produção com as representações sociais seja qualitativa. Entende-se a pesquisa qualitativa como “uma tradição específica das ciências sociais que depende essencialmente da observação de territórios da interação com estas pessoas através de sua própria linguagem e em seus termos” (Kirk e Miller apud Trindade, 1986:9).

Segundo Madeira (1990: 16):

“a representação social traz em si a estória e a história. Nas variâncias de sua estruturação estão as particularidades de cada sujeito, e em suas invariâncias, as marcas do sentido atribuído, por determinado segmento de classe ou, até, por sua totalidade, a um objeto”.

O tema orientação sexual, por ser interessante, curioso e urgente no meio escolar, ilustra as relações interpessoais tanto na história de vida de quem pretende desenvolver, como no dia-a-dia dos que estão envolvidos na abordagem. A orientação sexual ilustra entre outros temas, as relações interpessoais do cotidiano que atraem a atenção, o empenho e a curiosidade das pessoas. A teoria das representações sociais aborda “os posicionamentos dos indivíduos frente a objetos cotidianos, como a reutilização de saberes compartilhados nos grupos” (Doise apud Trindade, 1989: 30).

Acompanhar os professores com suas dúvidas e com seus alunos ávidos por desenvolver o tema sexualidade em sala faz lembrar da frase acima de Doise, pois no espaço escolar existe um cotidiano cheio de novos conhecimentos, e nas conversas extra classe os saberes são compartilhados no grupo tanto com alunos como com professores.

A orientação sexual que a escola pretende inserir de forma pedagógica e sistematizada, é um conteúdo já com muitas contribuições importantes na área de educação, como o GTPOS (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual), a ECOS (Estudos e Comunicação em transa legal, sexualidade e reprodução humana) entre outros, e é regimentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, vol.10) abordados como “temas transversais”, que discorrem sobre a postura e papel do educador e da escola.

Segundo Moscovici (apud Reigota, 1977:69) “a função específica que as representações desempenham na sociedade seja qual for, é de contribuir para processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais”.

A teoria das representações sociais já é muito utilizada na produção científica brasileira, onde sobressai em vários campos da saúde, e não se restringe unicamente a área da psicologia social.

2.0 METODOLOGIA: caminhos e percepções

Nesta investigação utilizei a pesquisa qualitativa, e busquei algumas linhas de pensamento para trabalhar a orientação sexual através de visões contextualizadas do processo escolar.

Após permitir-me esse discurso introdutório ensejado pelo fluxo da reflexão, começo a seguir a descrever através de relatos e observações, a pesquisa sobre orientação sexual, com enfoque nas representações sociais, a respeito do preparo do professor em trabalhar com essa abordagem.

Escolhi a escola “Cidade de São Roque” por ser na cidade onde moro atualmente. É uma escola particular, atende a classe média, está localizada em um bairro afastado do centro da cidade. A escola oferece cursos, do maternal ao pré-vestibular, em três prédios distintos. Possui salas de computação, biblioteca, laboratório, sala de artes e outros recursos áudio visuais, possui também cantina, parquinho, quadra de esporte, campo de futebol, horta mantida pelos alunos. A escola tem 412 alunos matriculados neste ano letivo, é uma escola nova na cidade, existe há oito anos.

O grupo de professores observados no colégio “Cidade de São Roque” são os que trabalham do 6º ao 9º anos em todas as disciplinas.

Para validação da pesquisa é necessário que minha vivência, minhas percepções sobre o contexto sejam identificadas e inseridas no processo de observação e interação com os entrevistados.

Dado o caráter exploratório da pesquisa foi necessário utilizar critérios de observação para melhor analisar o instrumento. O instrumento foi um questionário com questões abordadas como: o que pensam sobre a orientação sexual na escola, sua formação profissional (graduação); idade; religião; estado civil e o interesse em trabalhar com o tema.

Os questionários foram respondidos em reunião pedagógica que ocorre na escola semanalmente, e foi neste espaço de reunião, que a coordenação sugeriu para que os professores fossem abordados. Foram respondidos um total de doze questionários. Estes profissionais estão envolvidos com jovens entre 11 a 15 anos de idade no seu cotidiano escolar (Os respondentes assinaram o termo de consentimento, conforme a norma 196 de dez de outubro de 1996 , que regulamente pesquisas envolvendo seres humanos).

Após a coleta de dados, continuei mantendo contato com o grupo de professores com frequência quinzenal, fora do horário das reuniões pedagógicas, para criar um vínculo informal.

3.0 UM RETRATO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A qualidade das relações e o ambiente afetivo marcam o desenvolvimento do ser humano desde o nascimento e influenciam sua busca de identidade. Conforme o tipo de ambiente, criam-se modelos de identificação. É impossível tratar a sexualidade desvinculando-a da afetividade presente nas relações interpessoais. O significado da palavra confirma a natureza abrangente do conceito.

As relações interpessoais, por serem de natureza afetiva, não são exclusivamente prazerosas. Mesmo no amor “nem tudo são flores”. O afeto, as emoções e os sentimentos presentes nas relações interpessoais são peças-chave no desenvolvimento de uma sexualidade saudável e positiva.

A seguir mostrarei um quadro descrevendo os professores envolvidos na pesquisa e alguns dados de identificação pessoal.

Quadro 1 – Dados de identificação pessoal dos respondentes

RESPONDENTE	SEXO	IDADE	RELIGIÃO
Questionário nº 1	Feminino	42 anos	Católica
Questionário nº 2	Feminino	32 anos	Católica
Questionário nº 3	Feminino	25 anos	Não respondeu
Questionário nº 4	Feminino	36 anos	Católica
Questionário nº 5	Feminino	47 anos	Católica
Questionário nº 6	Feminino	26 anos	Outras
Questionário nº 7	Feminino	37 anos	Católica
Questionário nº 8	Masculino	34 anos	Metodista
Questionário nº 9	Masculino	29 anos	Católica
Questionário nº 10	Masculino	25 anos	Não respondeu
Questionário nº 11	Masculino	68 anos	Católica
Questionário nº 12	Feminino	33 anos	Católica

O sentido de uma representação ocorre quando a captamos sem isolar o nosso objeto de pesquisa da dinâmica que este objeto vai se configurando.

De acordo com a perspectiva de análise da pesquisa assumida e segundo Madeira (1999:51) “as representações sociais articulam ideias que circulam na sociedade, reconstruídas a partir de sua vivência”. Neste conjunto estariam a formação recebida e a sua percepção de sexo e sexualidade.

Analisar a educação sexual com um enfoque nas representações sociais e a respeito da disposição dos professores em um contexto social de mudanças, tanto na área educacional como econômica e social, leva-me a citar que as reformas educacionais que implantaram a orientação sexual no meio escolar não se preocuparam com o preparo dos professores, e o interesse dos mesmos pelo tema. A implantação da nova LDB; os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), com introdução dos temas transversais; a reorganização das escolas dos antigos 1º e 2º graus; separando o espaço físico dos diferentes níveis de ensino; as inovações no sistema de avaliação como o ENEM; a reorganização da grade curricular diminuindo em algumas disciplinas o número de aulas, é ainda muito recente no meio escolar. E como se sentem os professores neste contexto?

São mudanças e problemas criados, que de modo geral ainda não puderam ser compreendidos e avaliados pelos professores. Catalão (2002, p.38) acredita que essas mudanças no sistema educacional põem em cheque uma realidade que não é nova na educação brasileira: "a inoperância de políticas públicas voltadas para a educação e de propostas inovadoras que não saem do papel".

É neste processo de compreensão que acompanhei os professores, para perceber seus objetivos. E os professores irão absorver essa abordagem à depender dos interesses, da metodologia, da receptividade e de toda a dinâmica envolvida no trabalho a ser desenvolvido no projeto que a escola pretende implantar.

A utilização da teoria das representações sociais neste trabalho leva a compreender como a sexualidade é vista e como esse conhecimento e os sentidos desse conhecimento interferem na orientação sexual trabalhada no meio escolar. Neste sentido, os professores encontram-se em uma situação polêmica e às vezes de ansiedade dentro da escola, porque na hora de decidir sobre quem irá trabalhar os temas de sexualidade com os alunos, mostra-se um sentimento que deixa de ser legítimo, se considerarmos que todas as pessoas são vítimas de um maior ou menor grau de repressão sexual durante sua vida. Desse modo o forte caráter biologicista e a errônea percepção genitalizante da sexualidade acabam por ratificar o senso comum entre as pessoas, de que temas sexuais devem ser desenvolvidos por professores de áreas como a de ciências. Tal fato é tão verdadeiro, que somente livros de ciências abordam temas relacionados à sexualidade. A proposta de desenvolvimento do trabalho em orientação sexual é a de que professores que se interessem pelo tema e aceitem desenvolvê-lo de acordo com a realidade vivida pelo grupo.

Os professores analisados nesta pesquisa tem idades que variam de 25 a 68 anos. Alguns encontros com os professores foram marcados por obstáculos, dando a impressão em certo momento, que o trabalho não iria prosseguir. Ocorreu que, três dos seis encontros agendados pela coordenação foram desmarcados, porque havia outro projeto mais interessante para ser discutido com os professores. Fato que não é inovador no meio escolar. O grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual (GTPOS, 2000, p.104) cita que quando iniciaram o processo de implantação do programa em algumas escolas públicas no estado de São Paulo, ocorreu que alguns diretores boicotaram o projeto, não divulgando entre seus professores o anúncio do curso e mesmo as inscrições. E com isso não tinham dado conta da dimensão da resistência ao tema. Dos inscritos no projeto 30% abandonaram, muitos pela falta de remuneração, falta de condições ou vontade de investir tempo em supervisão e estudo e dificuldade de repensar a própria sexualidade; foram necessários muitas propostas diferentes para o projeto e bastante cautela no emprego das metodologias.

Dados da OMS (Organização Mundial da Saúde, 1998) mostram que a educação sexual nas escolas não leva à sexualidade precoce, tampouco estimula a promiscuidade. Nos 35 estudos analisados pela instituição, 16 indicam que a abordagem sexo em sala de aula chega a retardar a iniciação sexual. Segundo Catalão (2001: 36), as experiências chamam a atenção de "qualquer educador apaixonado pelo ofício, apontam caminhos de protagonismos, de arte-educação, de integração escolar e de

conscientização dos jovens", não esquecendo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Mas, infelizmente, não são representativas da realidade brasileira. A educação sexual ainda é um tema pouco trabalhado, evitado e disperso nas escolas.

E como cita Catalão (2002, p.34) na escola os jovens "preenchem lacunas da família na sala de aula" e muitas vezes essas lacunas são sobre assuntos relacionados a sexo, com isso eles se sentem mais aliviados das tensões que envolvem esta faixa etária. Responder adequadamente a essa demanda tornou-se um dos grandes desafios educacionais das últimas décadas, transformando-se num grande fator de estímulos às discussões sobre orientação sexual no meio escolar. A escola neste aspecto não pode abster-se do seu papel em relação às questões de aprendizagem da sexualidade humana.

É no espaço escolar onde os indivíduos, que tem acesso a escola, passarão um tempo significativo de suas vidas, formarão novos e importantes vínculos socioafetivos, sendo natural que manifestem o desejo de terem respondidas suas expectativas em relação a sexo e sexualidade. E é importante lembrar que não se pode pedir aos alunos que eles deixem a sexualidade do lado de fora dos portões da escola, mais cedo ou mais tarde ela se verá obrigada a abordar o tema.

A intenção do desenvolvimento de um programa é que ele facilite debates entre adolescentes, num clima de seriedade e respeito auxiliando-os a amadurecer suas opiniões e levar sempre a reflexão. Espera-se que a escola utilize seu espaço para que um trabalho com sexualidade e sexo seja abordado de forma dialética e dialógica onde os alunos sejam oportunizados através de dinâmicas e técnicas utilizadas para permitir-lhes a participação nas discussões e reflexões críticas e que os jovens não apenas repitam a opinião do professor.

Pesquisa feita pelo Instituto Data Folha em dez capitais brasileiras no ano de 1993 constatou que 86% das 5.076 pessoas entrevistadas são favoráveis a educação sexual. No primeiro semestre de 1997, o mesmo instituto (Data Folha) realizou uma pesquisa quantitativa para o canal Futura da Fundação Roberto Marinho, apurando os seguintes resultados: 66% dos jovens, 60% das donas de casa e 85% dos educadores disseram sentir falta de orientação sexual na formação educacional.

Existe na sociedade um moralismo cortante, que impede que o assunto seja discutido profundamente, formando consciências e opiniões. Apesar do avanço dos discursos progressistas, faltam atitudes. Sexo e a sexualidade continuam sendo um tabu e um grande desafio para as escolas, famílias e os meios de comunicação onde muitos informam, mas poucos educam.

Em conversas com o grupo de professores, uma comparação relevante foi abordada, a respeito da forma como foi transmitida a abordagem da sexualidade em sua época (adolescência) e que algumas coisas eram comentadas, mas não eram explicadas de forma tranqüila e que os sentimentos nunca foram um tema de conteúdo formal,

como hoje está sendo proposto na orientação sexual. Muitas vezes estes conteúdos para pais e educadores são encarados como um "Passez-faire", imperando a ignorância.

Um dos fatos observados neste grupo de professores pesquisados é que em sua maioria, os professores são católicos, e como em qualquer outra religião as posturas, mitos e crenças podem influenciar na abordagem do tema. Levantamento inédito da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) revela que, das principais religiões do Brasil, apenas três estimulam o uso da camisinha entre adolescentes - judaica, umbanda e candomblé. A igreja católica, por mais que apresente muitos padres e pastorais favoráveis ao uso do preservativo, ainda insiste em condenar seu uso.

Os professores muitas vezes, evitam falar sobre sexualidade ou limitam a abordagem do assunto com medo da reação dos pais e das igrejas. As igrejas salvo exceções, manipulam e oprimem o exercício da sexualidade. Como vivemos em um país predominantemente católico, compreende-se por que a educação sexual ainda não seja uma prática institucionalizada nas escolas, tanto públicas como particulares. Porém o que ocorre não é bem assim; os pais mesmo católicos, praticam atos como, comprar para seus filhos preservativos como forma de preveni-los de doenças e gravidez, já que a igreja católica não aprova ainda o uso dos preservativos. E isso não os torna menos cristãos. A família, mesmo sendo o ambiente inicial de aprendizagem, está longe de ser a primeira e principal fonte de informação e esclarecimento do adolescente sobre sexualidade.

A orientação sexual na escola ainda é um tema que envolve muito mais que buscar caminhos, mas sim o querer, ter afeto, ou estar disposto a envolver-se com o tema. Nesta percepção está inclusa a história de vida que cada um absorve como sua teoria, sua prática, e com isso ele representa o que é, dentro das vivências individuais, e passa a representar com as interações com o grupo. Uns mantêm suas posturas e outros se modificam com o processo, ou seja, a representação não significa apenas representar, mas "repensá-los, re-experimentá-los, fazê-lo a nossa maneira, em nosso contexto..." (Spink, 1989: 78). Segundo Lane (1981:34) a representação é aquilo que nos permite explicar o mundo que nos cerca; a representação decorre da nossa convivência, é então "o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente". Diante disso os professores analisados neste trabalho encontram-se ainda em um processo de amadurecimento com o conteúdo que para muitos é visto como caráter sagrado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho a busca de uma representação concreta do professor é levada por suas respostas e pela análise no percorrer do processo. Nas suas reflexões os professores deixam claro um desconforto em abordar conteúdos relacionados a sexo e a sexualidade em sala de aula. Para o professor trabalhar com temas sobre sexo envolve muito mais do

que as informações que ele aborda nos conteúdos formais, envolve toda uma história de vida.

Moscovici (apud Madeira, 1969: 11) cita que "uma representação é representação de alguém tanto quanto de alguma coisa". No momento em que eles demonstram não estarem prontos para lecionar, estão representando o que é a sua imagem diante do conteúdo orientação sexual. É necessário que o próprio professor encontre espaços, e reflita sobre sua imagem diante do tema na escola; ele não é um ser isolado, assim como o tema também não está sozinho. Enquanto a orientação sexual ficar no meio dos professores sem uma afinidade escancarada, o tema vai continuar sendo um tabu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.M.C. de **Afetividade do educador**. Revista de Psicopedagogia. São Paulo, v.16, n.41, p.15 e 15, junho 1997.

ARATANGY, L. **Olho no olho: orientação sexual para pais e mestres**. 2. Ed. São Paulo: Olho D' água, 1999. 104.

CATALÃO, N. **Pudor obsceno**. Revista Educação. São Paulo, v. 07, n. 63. P.32-40, jul. 2001.

CARVALHO, A. M..P.; PEREZ, DG. **Formação de professores de Ciências: tendências e inovações**. São Paulo: Cortez, 2001. 120.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; J.E.M.M. Editores. **Dicionário Aurélio Básico da língua Portuguesa**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 2128p.

GTPOS. **Sexo se aprende na escola**. 3. Ed. São Paulo: Olho D'água, 1995. 120p
_____/ABIA/ECOS. **Guia de Orientação Sexual**. Fórum Nacional de Educação e Sexualidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991, 126p.

GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997. 326p.

JODELET, D. Alteridade e psicologia social. In: ARRUDA, A. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, 164p.

LANE, Sílvia T.M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 87p.

MADEIRA, M.C. **Representações sociais de professores sobre a própria profissão: a busca de sentidos**. Universidade Católica de Petrópolis, 2002. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/2027t.html> >. Acesso em: 17/08/02.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Pluralidade cultural: orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 10. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. 164P.

REIGOTA, A. M. S. **Meio ambiente e representação social**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ROSA, J.A.R da. **Orientação sexual**. Revista do professor. Volume 07, n. 62, p.23-25. Ed. EPOEC Porto Alegre, jan/mar. 2001.

SPINK, M.K. **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 311p.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1998. 160p.

TRINDADE, Z.A. **Representações e práticas sociais no campo da saúde reprodutiva**. Universidade Federal do Espírito Santo, 1999. Disponível em: <<http://www.ufba.br/~conpsi/1999/M008.html>>. Acesso em: 17/08/02.

ANEXO (instrumento utilizado na pesquisa)

“Na educação sexual, a ignorância e a mentira provocam resultados desastrosos. A ignorância traz medo e culpa. A mentira corta a comunicação”.

Marta Suplicy

Nome: _____ Idade: _____

Religião: _____ Graduação em: _____

Estado Civil: _____

1) Você se interessaria em desenvolver um programa de orientação sexual com seus alunos? Por que?

2) Pessoalmente você acredita que um programa de orientação sexual ajudaria os alunos a melhorar seu rendimento escolar? Como?

3) Você tem sugestões para o desenvolvimento de um programa de orientação sexual nesta escola?

4) Se for instituído um programa de orientação sexual você gostaria de participar dele?

5) Você se lembra de algum livro ou revista cujo conteúdo, possa ser usado para orientação sexual?

6) Faça uma reflexão pessoal sobre o tema a ser discutido.
